

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Vianna da Motta — O Conservatorio Mimi Pinson — Pablo Casals e Harold Bauer — Chronica Portuense — Notas Vagas — Caspar do Nascimento — Noticiario — Necrologia.

VIANNA DA MOTTA

III

A musica desde Beethoven

Schubert (1797-1828) é mais successor de Mozart do que de Beethoven. Na facilidade melodica iguala Mozart, bem como na tendencia bem clara para o estylo luminoso e sorridente, caracteristica d'aquelle illustre musico. A influencia do canto transparece nas suas obras instrumentaes. Em Schubert encontramos a par da mais seductora e amavel natureza musical, o colorido sombrio, e entusiasmo vibrante. Na sua formosa *Fantasia*, op. 15, se reúnem todos esses predicados.

Weber (1876-1826) é o «romantico» por excellencia. (1.^a parte da sonata em la bemol). E' ainda o poeta da dansa. Como Schubert, elle elevou a dansa nas suas walsas até á esphera da poesia. Nas suas *polonesas* soube fazer reviver o caracter cavalleiresco e altivo d'essa dansa, que havia degenerado com o andar dos tempos.

Mendelssohn (1809-1841) caracteriza-se muito principalmente pela facilidade extraordinaria de assimilação. Não sendo nunca inventor (os mesmos *cantos sem palavras* existiam já como caracter) produziu com tudo em todos os generos obras de perfeito equilibrio. Sob o ponto technico apenas achou a novidade do *staccato continuo*. Uma das suas principaes obras é o *Capriccio*, op 5; nas outras ha carencia de intensidade e amplidão do sentimento.

Sob este dado ponto de vista Schumann, (1810-1856) é-lhe muito superior; falta-lhe infelizmente o instincto da forma. Nas pequenas peças caprichosas e fantasticas é originalissimo. Sente-se bem á vontade n'esse genero, tão seu predilecto, onde pode dar largas á fantasia, inclusivè até attingir o excentrico.

Demasiado condescendente com as indicações exigentes do sogro, deixou-se arrastar para as formas elevadas da *Sonata* e da *Symphonia*, onde se lhe amesquinhou a natureza tão formosa e calida. Resultou ficar n'esse genero como torturado, pallido, falho de *brio*, e nebuloso.

D'elle disse Drachscke, com rasão: «Schumann começou com genio e acabou com talento.» Destino bem cruel!

Devem ler-se as obras de Hoffmann e João Paulo, os auctores favoritos de Schumann, para bem comprehender-se as suas fantasias.

O *Carnaval* é uma serie de esboços e situações caracterizadas com fulgor. Supponha-se um baile no qual apparecem as seguintes mascaras: «Clarinha», a pequena pianista; Clara Wieck, mais tarde sua esposa; «Eusebius» e «Florestan» os pseudonymos com que firmava as suas criticas, ora de caracter sonhador, ora impetuosas e sarcasticas. Como Fausto sentia dentro de si duas naturezas.

«Davidsbündler (partidarios de David) era o titulo com que designava alguns jovens artistas que como elle haviam declarado guerra ás tradições do passado. Aos conservadores chamava-lhes «Philisteus»; e com este titulo compoz uma peça em que a modo allusivo recordava uma canção do seculo XVII: «Quando meu avô desposou minha avó» ..

Brahms (1833-1897) é considerado como o successor de Beethoven, porque escreveu seguindo as mesmas formas. Não obstante, como indole parece approximar-se mais de Schumann, sendo porem mais sombrio e com provada inclinação para as tintas subtis, obscuras e depuradas. Torna-se abstracto de obra para obra. Sem duvida é um mestre na Forma, sem descobrir com tudo novos caminhos.

E'epigono» como Schumann; o melhor do seu genio existe nas suas primeiras composições.

Os maiores compositores de piano depois de Beethoven, são Chopin (1809-1849) e

Liszt (1811-1886). Ambos abriram, aos outros pianistas, horisontes novos; aquelle como individualidade especialissima, Liszt como espirito universal e creador.

A *Ballada* é creação de Chopin. Ao *Nocturno*, inventado por Field, deu maior intensidade e paixão. Muito embora lhe arrancasse a graça e leveza proprias dos de Field.

Foi Chopin que nas suas *Polonesas* e *Mazurkas*, provou de como a Arte podia reproduzir o character d'um povo. Ainda foi elle e Liszt que primeiro iniciaram a harmonisação e cromatismo moderno. Na sua obra o «Estudo» reveste-se de poesia.

A' semelhança de Weber soube idealisar a dança nas suas walsas aristocraticas. E na sua *Barcarolla* descreve uma paisagem de Italia, clara, quente, asphixiante de calor.

Chopin era aristocrata em extremo, fidalgo até á raiz dos cabellos e da mais requintada sensibilidade. Quer na sua vida como na propria musica dominam dois sentimentos distinctos: o ardente amor patrio, e a paixão pela mulher até aos zelos exagerados. As suas obras são monologos. Os queixumes que solta são penetrantes a ponto de nos despertarem a compaixão que se sente pelos enfermos. Por vezes abandona esse cunho de doente, em especial quando invoca o brilho e gloria do seu paiz. (Poloneza em la bemol).

Liszt achou novas formas, tirando as extremas consequencias da direcção que Beethoven traçara. Este encaminhava-se para o drama, concentrava cada vez mais a unidade psicologica das suas obras, produzindo-as como a expressão de determinadas situações d'alma.

Liszt parte da ideia poetica para expressar-se musicalmente, comprimindo a forma para augmentar o poder dramatico.

A sua Sonata tem esta estrutura :

- | | | |
|---------|---|-------------------------|
| Allegro | { | 1.º thema. |
| | | 2.º thema. |
| | | Modulação. |
| Adagio | { | 1.º thema. |
| | | 2.º thema. |
| | | 1.º thema. |
| Allegro | { | Modulação. |
| | | Repetição da 1.ª parte. |

A unidade torna-se extensiva até aos themas que emprega em todas as partes, e que vae transformando segundo as exigencias da marcha do drama.

Wagner tomou de Liszt a ideia do *Leitmotiv*, um dos seus grandes trabalhos. A vida do grandê Liszt é toda cheia de lutas ardentes, d'amores, sonhos, catastrophes,

até que finalmente attinge o triumpho, logo seguido do retrahimento sublime do heroe!

Liszt soube tambem traduzir impressões na musica, identificando os aspectos da natureza com as situações d'alma: a agua chrystallina, o gorgeio dos passaritos, com a innocencia; a tempestade com as lutas humanas.

Foi tambem, com Berlioz, o primeiro a exprimir o sarcasmo na musica: (Walsa de Mephisto, escripta para orchestra, e transcripta livremente para piano pelo auctor).

Liszt possuía uma alma ardente, entusiastica e ardentemente religiosa, até quasi ao mysticismo. Ninguem como elle, depois de Bach, escreveu musica religiosa tão convictamente.

Nas suas *Polonaises* deu-nos dois quadros suggestivos: n'um a Polonia moderna, gemendo sob o jugo do estrangeiro, no outro a antiga Polonia, brilhante e gloriosa.

Como harmonista Liszt tem profunda afinidade com Bach. Seus *retardos*, e ousadias provem directamente de Bach.

As transcripções de Liszt tiveram enorme influencia sobre o piano. Com a transcripção de trechos para canto, violino e orchestra, enriqueceu enormemente os processos technicos, e deu ao piano novos coloridos.

Justificam-se as suas transcripções pelo golpe de vista geral com que reproduz no piano o character original, ampliando-o por modo a sobressahirem melhor alguns pontos da composição, apenas desenhados na peça original.

As *Rhapsodias húngaras* estão concebidas como fragmentos (a palavra o diz) d'uma epopeia nacional dos tziganos, povo essencialmente musical, e a ponto de confiar exclusivamente á musica a expressão dos seus sentimentos.

Nas suas *Fantasias* sobre operas, abundam talmente as riquezas de rasgos d'originalidade e espirito, que sobrelevam muitas vezes o thema inicial. Na forma reside o valor artistico proprio. Não são um *pot-pourri* de motivos respigados, como as pretendidas fantasias dos Thalbergs e muitos outros; são, sim, a exposição concentrada do drama. Escolhe os themas mais caracteristicos, construindo com elles uma scena dramatica organica. Todos os lances *pianisticos* deixam de ser meramente decorativos, transformando-se em meios d'expressão reaes.

Nunca se desenvolveu um tal brilho no piano, como nas *Rhapsodias* e *Fantasias* de Liszt. Aos sentimentos extraordinarios correspondem processos tambem extraordinarios!

Como disse Saint Saens nos seus *Portraits et souvenirs*, são Fantasias da forma das aberturas do *Freischütz* e *Tannhäuser*, que por seu turno são igualmente Fantasias sobre motivos d'essas operas.

Recentemente a transcrição foi enriquecida por Ferruccio Busoni.

Liszt transcrevera Fugas compostas para órgão, mas não queria traduzir a sonoridade d'esse instrumento no piano. Arranjara apenas para duas mãos as partes manuaes e do pedaleiro.

Busoni parte de outro principio: entende que o piano satisfaça ás sonoridades do órgão, e realisa o seu proposito redobrando com summa habilidade as differentes partes, e seleccionando com infinito gosto os registros, isto é os matizes.

A moderna composição segue as differentes indicações anteriormente estabelecidas. O cunho nacional encontra-se nas obras dos Escandinavos e Russos. N'estes domina a influencia de Liszt. Devemos especialisar entre elles a *Islamey* de Balakirew, trecho genial no seu phrenesi asiatico.

Os allemães mantem de preferencia as formas classicas. E todavia, causa espanto quão pouco se escreve actualmente, na Alemanha, para piano.

Em França depois de um largo interregno, a composição de piano como que resurgiu. Alkan é um dos maiores compositores, pela riqueza e largo folego de fantasia.

Os italianos estão sob a influencia do germanismo. Entretanto não perdem com isso o caracter proprio, como o prova o 5.º nocturno de Sgambati (discipulo de Liszt); atravessam porem um periodo transitorio.

Falta-nos dizer algo dos *concertos com orchestra*. «Concerto» significa *concurso*. Consiste n'uma peça em que o pianista luta com a orchestra. A sua forma actual é a que lhe deu Mozart, definitivamente. A parte consideravel que cabe á orchestra fez dizer aos contemporaneos que «os concertos de Mozart eram symphonias para orchestra e piano». Escreveu 25, e é n'elles que Mozart demonstra na maxima força todo o encanto e riqueza ideal de pianista. Primeiro de todos soube dar ao piano seu legitimo colorido.

Segundo o nosso parecer a *Symphonia com piano* foi plenamente realisada por Beethoven, que aliás lhe deu o caracter d'um drama psicologico, assim como a todas as formas em contacto com o seu genio. Os seus dois ultimos concertos são modelos impereciveis: *Primavera* e *Heroe*.

Depois de Beethoven, os compositores passam aos extremos: ou desenvolvem extraordinariamente a technica de solista

(Hummel, Mendelssohn) ou descuram o natural do piano, deixando-o abysmar-se na orchestra (Brahms).

Coube a Liszt encontrar o equilibrio perfeito n'uma forma nova. Nas suas obras o piano attinge todas quantas sonoridades lhe são proprias, sem que todavia seja mais do que *uma parte* na polyphonia orchestral. Assim como na sua *Sonata*, a forma está comprimida e os temas são tratados em «Leit-motiv».

Os compositores de maior pujança abandonam no presente o piano pela orchestra. Mal procedem, pois que os recursos technicos e a possibilidade de novas sonoridades estão longe d'exgotar-se. O que porem cremos de positivo é que os compositores mais recentes desdenham, ainda mal, o estudo minucioso do caracter do piano.

JOSÉ VIANNA DA MOTTA.

Trad. do hesp. de V. F. B.



O Conservatorio Mimi-Pinson

Estamos em pleno seculo de utopia! As ideias de socialismo e de egualdade vão minando as proprias camadas dos eleitos e acabarão por tudo nivelar!

Julgava-se outr'ora que a arte complexa da Musica, arte embebida de sciencia a mais pura, tinha de ser privilegio de poucos, porque poucos teriam o preparo de intellectualidade que lhes permitissem profundar-lhe os arcanos e apreciar-lhe as reconditas perfeições.

Sim, talvez seja isso; mas é preciso derubar essa aristocracia do espirito, como se faz baquear por vezes no torvelinho das revoluções e na vertigem das paixões populares, a aristocracia de linhagem, que firma o seu poderio nos thronos e segura o seu alicerce nas regalias.

A obra de *Mimi-Pinson*, como lhe chamam em França, o conservatorio popular, é um principio de socialismo applicado ás Artes, é um bocado de alegria e de ideal atirado com mão generosa para os desherdados da fortuna.

Imaginem uma escola de musica e de dança para as costureiras, para o povo de Paris! E' ou não é uma utopia? E estou a ouvir d'aqui o scepticismo lisboeta, de mãos dadas com o espirito de rotina inherente a todo o bom lusitano, segredar-me cousas e afirmar-me que o unico merito da iniciativa é crear prenciosas inclinações na classe trabalhadora, induzil-a aos divertimentos,

desenvolver-lhe o gosto pelo theatro e pela ociosidade... eu sei lá!

Não é essa positivamente a ideia de Gustavo Charpentier, o intemerato fundador do Conservatorio Mimi-Pinson, o auctor d'essa inebriante *Louise*, que é, a meu vêr, um dos passos mais largos que tem vencido nos ultimos tempos a musica lyrica da França.

Ouçamos o que elle diz:

«O nosso intuito é elevar o nivel moral e intellectual d'essas pobres raparigas, curvadas um dia inteiro sobre a costura e obrigadas a recolher á noute com o coração e o espirito doridos pela fadiga e pela perspectiva inexoravel de recommençar no dia seguinte as canceiras da vespera.

«O theatro é uma das cousas que as encanta. Pela obra de Mimi-Pinson, ha dois annos que lh'o proporcionamos, na medida do possivel. Os directores da Opera, da Opera Comica, do Odéon, da Comedia franceza, do Gymnasio, deram gratuitamente durante o anno passado mais de 2000 logares para este

effeito e essa cifra foi já duplicada pela generosidade dos particulares.

«Agora que ellas já tomaram gosto pela boa musica e pela boa litteratura, vamos-lhes offerecer gratuitamente algumas lições de musica, de canto e de dança.

«Se o povo é bom, melhor ficará com um bocado de educação artistica.»

Eis como se exprime o popular compositor parisiense e o certo é que o seu curioso conservatorio conta já um milhar de cantoras, umas trinta harpistas e mais de trezentas... bailarinas.

Com mil cantoras, por minha fé, já se pode fazer um pedaço de boa musica se

está á cabeça um Gustavo Charpentier e parece que não deixaram muito a desejar um côro da *Iphigenia* de Gluck e um fragmento do *Samson et Dalila* que o sympathico artista fez ouvir ultimamente nas salas da casa Pleyel.

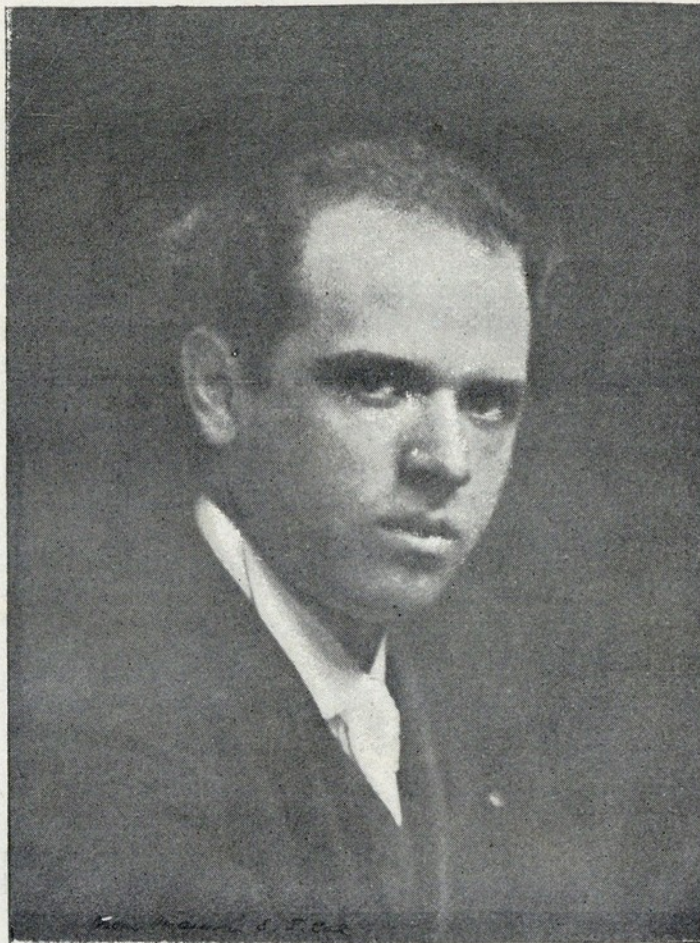
Quanto á aula de *baile*, não vão julgar que se trata de desvendar ás gentis costureiritas os mysterios do *entrechat* e as subtilezas do *rond de jambe*. Nada d'isso.

São simplesmente movimentos graciosos e

rythmados, que dão elasticidade aos musculões e constituem, por assim dizer uma gymnastica especial, do mais alto alcance não só para costureiras, mas para toda a gente.

Fica ahí essa declaração, para não assustar o pudor indigena...

L.



Pablo Casals e Harold Bauer

Agora que estamos em vespas de os ter entre nós, bom é que saibamos quem elles são.

Casals não é de todo novo para o nosso publico: já aqui

esteve e deu concertos não só em Lisboa, mas mesmo em alguns pontos da provincia, com applauso unanime e agrado de toda a gente. Em março de 1899 já nós diziamos d'elle, no 6.º numero do nosso quinzenario. «Nas cousas admiraveis que faz, ha a imperturbabilidade de um grande tecnico e a vibração apaixonada de uma grande alma».

No concerto que elle então deu no Conservatorio, o publico fez-lhe um acolhimento festivo e comprehendeu desde logo qual o risonho futuro de gloria que estava reservado ao joven violoncellista.

Mas quando se tem pouco mais de vinte annos e a envergadura robusta de um ta-

lento como o de Pablo Casals, cada anno que passa é um degrau colossal que se transpõe no caminho do triumpho, é o caminhar apressado em que todas as faculdades do artista se põem em jogo para attingir supremos ideias. que só mais tarde tombam com a desillusão e com o cansaço.

O ser artistico do bravo violoncellista hespanhol está justamente n'esse periodo ascensional.

A sua brilhante participação nos concertos Lamoureux, hoje Chevillard, e as suas recentes viagens na America do Norte, onde foi por toda a parte enthusias-ticamente recebido, provam o que deixamos acima dito.

Como notas biographicas que convem sempre deixar archivadas em um jornal da natureza do nosso, podemos dizer o seguinte:

Pablo Casals nasceu em 1878 em uma pequena cidade catalã, que se chama Vendrell Foi primeiramente discipulo do proprio pae, que era um bom organista e aos 8 annos já o substituiu por vezes nas festividades religiosas, tocando soffri-velmente o orgão.

Aprendeu diversos instrumentos mas aos dez annos fixou-se definitivamente no violoncello, tomando por professor a D. José Garcia.

A rainha de Hespanha tendo occasião de ouvir o joven Pablo, ficou por tal forma maravilhada com as aptidões excepcionaes do pequeno musico que lhe outorgou uma pensão e foi graças a este auxilio regio que elle poude aperfeiçoar e burilar a sua educação artistica. N'esse periodo de aperfeiçoamento teve por mestres Monasterio e Breton, dois nomes celebres no visinho reino.

Fundou em 1897, em Barcelona, com M. Crickboom, violinista belga de grande me-

recimento, uma sociedade de musica de camera, que deu optimos frutos.

Viajou muito depois e pode dizer-se que tem feito da viagem d'arte a sua occupação favorita.

Quanto a Harold Bauer é no dizer dos seus biographos um discipulo de Paderewski e tanto basta para que se não possam pôr em duvida os seus merecimentos de pianista.

Nasceu em 1873 na Gran-Bretanha e mos-

trou, desde tenra idade, uma aptidão pouco vulgar para a musica. Aos nove annos apresentava-se em publico como violinista, mas a breve trecho, suggestionado pelo conselho de amigos e de mestres trocou o violino pelo piano, tendo a fortuna de obter, a partir de 1892, a protecção e as lições do celebre pianista polaco, que teremos o alto prazer de ouvir no proximo anno.

Em 1893 estreiou-se como pianista em Paris e ahi estabeleceu a sua residencia, interrompida aliás com as *tournées* que tem feito na Allemanha, Hespanha, Hollanda, Austria, Russia, Suecia e America,

onde tem grangeado uma solida reputação de concertista consciencioso e musico de grande valor. Aguardamos a sua proxima estreia em Lisboa para o apreciarmos e com certeza para o applaudirmos.



Chronica Portuense

A minha humilde chronica de 15 do passado mez, teve o mau sestro de provocar uma exposição do sr. Antonio Affonso Gomes, regente da orchestra Alcobacense, na qual esse cavalheiro, para mim desconhecido, pretende levantar asserções que se não podiam deprehender das palavras escriptas,

em desprestígio do seu merito ou da orchestra que dirige, da existencia da qual só agora sei. A carta do sr. Affonso Gomes, publicada no ultimo numero d'esta revista teve para mim, o valor duplo de me fazer saber, que em Alcobça existe um martyr da musica e amadores com fé e vontade para o acompanharem na aspera subida d um calvario, que tanto nos aproxima de Deus como nos afasta da gratidão e do apreço das multidões, indifferentes ao nosso sentimento e ao nosso esforço. Tanto basta pois, para que eu aqui preste a homenagem que o meu character nunca negou, a quem trabalha tão util e desinteressadamente como o sr. Affonso Gomes affirma, em beneficio da vulgarisação musical. pela qual nós tanto pugnamos sem que as nossas vozes sejam ouvidas por quem tinha obrigação de as attender, desde que ellas attingem a elevação do sentimento moral e intellectual, esses dois grandes factores do bem commum. Quero crer que o sr. Gomes não visse nas minhas palavras senão um pretexto para fallar de si e da sua orchestra, applaudida já por artistas de outro valor e competencia que não a minha; e d'ahi talvez a razão da sua carta. Não lhe levo isso a mal porque, nada ha mais irritante do que ver ignorados os esforços e a somma de trabalho paciente com que em terras falhas de recursos, se procura levar a bom termo uma tentativa de tal importancia como é a organisação de uma orchestra, nas condições realisadas pelo sr. Affonso Gomes. E n'este ponto está Alcobça muito superior ao Porto, que nunca pôde sustentar uma orchestra de amadores, sem duvida porque lhe faltam artistas da tenacidade e da convicção do sr. Gomes, para os animar com a sua fé e guiar com os seus conselhos na conservação do que chama o *fogo sagrado*. Ora eu sempre tive o maximo respeito pelos amadores, que preferem uma sala de ensaio ás ociosidades deprimentes que aviltam o character, e ás distracções banaes ou prejudiciaes em que a mocidade de hoje tão ingloriamente se gasta; e nenhuma prova de maior consideração eu posso prestar aos amadores da orchestra de Alcobça e ao seu digno director, que tão ardentemente confessa o amor pela sua arte, do que explicar-lhe o sentido das palavras que deram origem á rectificação do sr. Affonso Gomes, a qual apezar da delicadesa com que foi escripta não pode encobrir uma leve pontinha de ironia, que me sinto inclinado a perdoar-lhe. Eis o facto.

Na minha citada chronica eu descrevia com a pobreza da minha imaginação, o que me suggeriu a silhueta do grandioso mos-

teiro onde outr'ora as harmonias serenas e d'um suave mysticismo. desferidas no seu orgão monumental, echoaram pela vastidão das abobadas; enquanto que hoje, junto ao proprio convento eu ouvia por uma chuvosa e fria noite de outubro, uma banda de musica que ensaiava *incerta e desafinadamente a dança das Bacchantes de Philemon et Beaucis*. Foi aqui que cahiu Troia e é aqui que se torna necessaria a explicação. Eu passava a grande distancia do convento quando ouvi a entrada dos metaes nos primeiros compassos d'aquella peça; e naturalmente, por essa mesma distancia, não podia o meu ouvido perceber; que entre esses metaes gemiam attribuladamente tres pobres rabeças, nem mesmo os poucos compassos de musica que ouvi, me desvendaram que era uma terça parte da orchestra Alcobacence fazendo uma primeira leitura e não uma banda como muitas que ha pela provincia.

Fico agora sabendo tudo isso, que em Alcobça existe uma orchestra de amadores, o que eu ignorava, por que pela primeira vez alli fui visitar o seu imponente mosteiro, que essa orchestra estava incompleta por falta de muitos dos seus executantes, que ensaiava pela primeira vez um trecho, e que é o sr. Affonso Gomes quem com os seus saturados trabalhos tem conseguido d'ella a interpretação de muitas peças de valor com applauso de todos que a teem ouvido,

Está portanto feita a rectificação e firmada assim a minha consideração pelos membros da orchestra de Alcobça a quem ardentemente desejarei ouvir, para lhes prestar a demonstração de apreço que os seus trabalhos sem dúvida merecem. Do que fica exposto resalta, que as minhas palavras não podiam ter outro intuito que não fosse o de comparar a nota religiosa de outras eras com a nota profana de hoje.

Se foi o termo desafinar que buliu com os nervos do sr. Gomes, não é isso motivo para tanto. Quem é que não tem uma desafinação na sua vida? Pergunte-o o sr. Gomes a toda a gente, desde os conselheiros de estado até ao mais humilde habitante do planeta. De resto o sr. Gomes tambem escreveu «*ser a cousa mais natural do mundo musical haver incerteza e desafinação (apezar da ultima ser rigorosamente feita, etc.)*» Ora se houve desafinação rigorosamente feita e isso é muito natural estamos de accordo e não fallemos mais no assumpto. Quanto á explicação que Sua Ex.^a me offerece, — de que os instrumentos de cordas não fazem parte das bandas e que os *amadores comem por onde os profissionais acabam, isto é: pela rede de arrastar*, — devo acceital-a, e procurar avaliar-lhe a utilidade dada a mi-

nha deficiente comprehensão de taes processos. Pede ainda o sr. Gomes criticos que ensinem, que vão por esse paiz fora espalhar as boas theorias, etc. Eu discordo absolutamente de S. Ex.^a. Não é de criticos que o paiz precisa é de professores elementares. É isto que eu sempre tenho pedido e pedi-rei. De criticos nos livre Deus. Terminando o assumpto por sufficientemente esclarecido, fico esperando que o sr. Gomes e a sua orchestra nem por sombras imaginem que as minhas palavras procuravam melindral-os. Não está isso nos meus habitos, se bem que para pugnar pelos progressos da arte que como o sr. Gomes tanto amo, me não escasseia a energia para dizer sempre aquillo que sinto.

E sans rancune.

Porto.

ERNESTO MAIA



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XLIII

De Lisboa

Conhece Caiel, não é verdade, e não espera que eu vá agora fazer-lhe aqui o seu elogio, sabendo, como de ha muito sabe, qual a ordem dos meus sentimentos por ella; mas, se ainda bem para todos nós, o valor litterario d'essa illustre escriptora da nossa terra não carece de ser banalmente encarecido, nem especialmente sublinhado, é porventura possivel que a essas paragens distantes em que se encontra, ainda não houvesse chegado o ultimo livro da gloriosa auctora da *Genoveva Montanha* e do *Tio Victorino*.

Chama-se esse livro *Desgarrada* e fixa a historia commovedora e heroica de uma pobre victima da maldade e da preversão masculinas, maldade e preversão, em que entram,—ordena a justiça que o digamos,—mais a inconsciencia pessoal e o influxo pernicioso da sociedade do que verdadeiramente a ruindade propria do desastrado causador de tão triste drama.

Porque, com effeito, um dos ensinamentos que d'esse episodio resalta é que na collectividade que pomposamente se condecora com o titulo de mundo civilizado a miude acontece soffrerem os simples individuos as consequencias das premissas por ella postas e propagadas.

Assim, a pobre Germana soffrendo dos

preconceitos inflamantes de uma opinião de ordinario imbecil e má, o desleal Ramiro, meio sceptico, meio covarde, mas no fundo não totalmente fementido, nem absolutamente insensibilizado, e por outro lado aquelles demasiado inteiriços Francisco da Camara e Manoel de Aguilar, apesar da veneranda sciencia de um, da esmalteina pura de outro, e do modelar character de ambos,—todos ellês nos revelam uma sociedade despolarizada e incongruente, tão falsa no proceder como incompleta no julgar, e simultaneamente errando na fôrma por que nos prepara e no modo por que nos dirige...

Com absoluta franqueza direi que Caiel tendo sobrada rasão para fulminar o acto pessoal de Ramiro, e para n'uma piedade communicativa e n'uma eloquencia transbordante nos descrever a odysseá de Germana até ver elevado ás grandezas do saber e da virtude o fructo das suas entranhas esse sympathico e valoroso Francisco da Camara, deixa no emtanto de ser uma impassivel analysta da verdade e da vida quando *carregando a mão* ao sentenciar e punir Ramiro, não quiz notar que tambem este, apesar de illustrado e sob certos aspectos superior, e portanto mais digno de censura e menos desculpavel que um mero impulsivo sem educação e sem cultura, era todavia um triste producto do meio e da educação, pelo que o seu crime ficando aliás crime, tem porém algumas attenuantes, e quando outras não fossem, aquellas que uma larga comprehensão do mundo claramente explica e não repelle . .

O homem que amestrado pelas lições da vida, e pela experiencia da realidade, sinceramente procurava remediar todo ou parte do mal feito, não era, em consciencia, um completo cynico ou um total *falhado*.

Pelo que, por mim eu quereria ter visto um pouco mais de piedade n'aquelle filho, um pouco mais de grandesa n'aquelle sabio, um pouco mais de perdão n'aquelle mãe...

Não deixava de ser ensinador e continuava a ser *humano*. Compreendendo, não obstante, que Caiel estava no seu pleno direito de tratar assim o facto que pretendeu estudar, e que estando na logica, se manteve na verdade; mas, que quer, eu cada vez mais verdadeira acho a divisa do mallogrado e saudoso Guyau, *tout aimer pour tout comprendre, tout comprendre pour tout pardonner* . .

*

De resto, querida amiga, quando ler *Germana* verá como a auctora é por vezes perfeita e sempre empolgante, como a sua vi-

são nos apparece a um tempo educadora e impressionante, como nos faz sentir, e como nos obriga a pensar...

Apagados os leves senões que n'um ou n'outro ponto osmeticulosos poderão apontar, a nova obra de Caíel pertence ao numero d'aquellas que todos os que manejam uma penna desejariam ter concebido e realiado.

*

E agora, para continuar falando-lhe de bellas cousas citar-lhe-hei estas quadras das *Cantigas* de Correia de Oliveira, a que alludia na minha carta anterior :

Sendo Maria o teu nome,
Fiz peccado de heresia
Esqueci o Padre Nosso,
A resar a Ave-Maria.

Vejo-me perto da morte.
A' porta de Deus chegado...
Isto de ser-se infeliz
E' meio caminho andado...

Ha corações como as arvores,
Que recebem mas não dão:
Recebem sol nos seus ramos,
Enchem de sombras o chão.

Similhanter a estas são todas as outras que o poeta arrancou á sua phantasia e ao seu coração de artista e de portuguez, e por aqui V. Ex.^a avaliará de que gemmas se compõe esse formoso eschineo.

*

E agora, boa amiga, ainda que a menção é triste, deixe que ao menos deponha um sentido adeus sobre as campas recém-fechadas d'esses dois velhos amigos que a morte me levou, Lino d'Assumpção e Urbano de Castro.

Está dito o que havia a dizer sobre o espirito e o caracter de ambos, e eu não saberia nem lograria dizer melhor; quero porém certificar-lhe, minha amiga que elles eram d'aquelles de quem uma profissão se ennobrece e cuja camaradagem distrahia e encantava. Morrem no entardecer da vida e do tempo, e deixam saudades que as lagrimas hão de regar, e, reverdecendo em nossos corações, para a affeição e para a ternura, uma e outra lhes conservarão bem presentes os seus perfis amados...

Ah! Querida amiga a existencia é, em verdade, uma bem triste e bem dolorosa prova a que se sujeitam todos aquelles em quem a Natureza põe um pedaço de cerebro e umas luzes de sensibilidade...

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Gaspar Nascimento



Éis aqui um portuguez, ausente ha 14 annos da patria e voltando de novo a ella com o sello de glorias, que na Italia e na America lhe consagraram de finitivamente o nome.

Foi Salvini, no Porto, quem descobriu em tempos no nosso apresentado o filão de triumphos e de libras, que se chama uma voz de tenor.

Disvelada e carinhosamente explorado o precioso filão pelo original compilador do *Cancioneiro Popular* e mais tarde pelo saudoso Napoleão Vellani, seguiu o nosso cantor para terras italianas, onde apoz algum trabalho de aperfeiçoamento na arte lyrica, se lançou a cantar a *Favorita*, a *Lucia*, os *Puritanos*, o *Fausto* e outras operas de egual importancia.

Um bello dia, Gaspar do Nascimento fartou-se de bastidores e resolveu ir correr o continente americano como cantor de concerto.

Foi em fins de 1893 que se deu essa mudança na orientação artistica do nosso perfilado e a partir de então o numero de cidades que o saudaram e que o ovacionaram representa uma lista demasiado longa para que possa ser aqui transcripta.

O illustre tenor tenciona fazer ouvir muito brevemente um concerto ao publico de Lisboa. Toda e qualquer apreciação sobre os seus meritos poderia portanto julgar-se prematura: prefiro limitar-me a recordar aos meus leitores que são os nossos artistas portuguezes que mais direitos teem ao appoio de nós todos e que o primeiro acto protectivo em casos taes é... ir ao concerto.

SCHAUNARD.

NOTICIARIO

Do paiz

Teremos o prazer de ouvir nas proximas noites de 29 e 30 os eximios artistas Pablo Casals e Harold Bauer, que darão dois optimos concertos no Salão do Conservatorio.

Aguardamos anciosamente essas duas festas musicas e fazemos votos pelo pleno exito d'ellas.

O programma da primeira audiçãõ é o seguinte :

Mendelssohn — Sonata em ré para piano e violoncello.

Chopin — Fantasia em fá menor para piano.

Locatelli — Sonata em ré para violoncello e piano.

Gluck-Brahms — Gavotte.

Wagner — Cavalgada das Walkirias, para piano só.

Campagnoli — Romance.

Popper — Vito, para violoncello.

A *Sociedade de concertos e escola de musica* prepara se para a execuçãõ do magnifico trabalho symphonico de Vianna da Motta, intitulado *A' Patria*. Já é tempo de prestar esse tão merecido culto ao notavel musico portuguez, cujas qualidades de compositor não desmerecem de forma alguma o talento de pianista genial que tantas vezes temos tido occasiãõ de lhe apreciar.

Abre a serie de concertos publicos d'esta epoca a apresentaçãõ do tenor portuguez Gaspar Nascimento, com o seguinte programma :

CARLOS GOMES, romanza de *Salvator Rosa*; LEONCAVALLO, serenata dos *Pagliacci*, para canto, por Gaspar do Nascimento; TIRINDELLI, *Airs Hongrois*, para violino, pelo sr. Julio Cardona; CHOPIN, *Polonaise* op. 40 n.º 1, para piano, pelo sr. H. Torres; TOSTI, *Pescatore di Coralli*; V. MOTTA, *Pastoral*, para canto, por Gaspar do Nascimento; MASGAGNI, Sicilianna da *Cavalleria Rusticana*; VERDI, Ballata do *Rigoletto*, para canto, por Gaspar do Nascimento; CHOPIN, *Nocturne*, para violoncello, pelo sr. M. Palmeiro; GOLTERMANN, *Fantasia concertante*, para oboé e flauta, pelos srs. Amaral Pinto e J. Henrique dos Santos; STRADELLA, *Preghiera*; ALVAREZ, *La Partida*, para canto, por Gaspar do Nascimento.

Promette ser particularmente brilhante o primeiro concerto da Escola de Musica de Camara, que ainda se realisará naturalmente em fins do corrente mez.

Figurará no programma o famoso *Quintetto da Truta* e, em primeira audiçãõ, um esplendido octetto de Gouvy para instrumentos de sopra.

Continuam a receber-se adhesões e assignaturas na nossa Redaçãõ,

Está á venda na nossa redacçãõ uma interessante e preciosa collecçãõ de instrumentos europeus e exóticos, alguns dos quaes muito curiosos e raros.

Pelo preço por que são cedidos, é uma occasiãõ unica que deve tentar as pessoas que se interessam por este genero de collecções.

Os instrumentos são os seguintes:

India

Tamburá, Rovana, Tablá, Baiá, Huruk, Murdanga, Sarongui, um pequeno Ravanatron, um fragmento de Tubri, um Timbale e outro de grandes dimensões.

China

San-heen, Heang-teih, outro de maiores dimensões, um Psalterio e um tambôr para bater o compaso, com o respectivo tripõ.

Africa

Zanza do Congo, Zamr-el-soghair, Reòab Tebel, Ombi, outro incompleto, uma especie de Guembri, uma flauta de canna e uma caixa d'Hissumba.

Europa

Bandolim, Bandurra, um pequeno Fagote antigo, um Trombone de bixa, um Clarinete incompleto e outro de canna.

Um dos nossos estimados assignantes notifica-nos um lapso de data na traducçãõ do magnifico artigo de Vianna da Motta sobre a historia do piano. O erro produziu-se no numero 91, quando dissemos que Bach preferia ainda em 1787 o clavicordio ao pianoforte.

Ora effectivamente em 1787 já não existia o celebre auctor das *Fugas* e somos levados a crêr que a referida data deverá ser 1737.

No original porem está tambem 1787, por erro de revisãõ certamente.

O nosso amigo e collaborador Francisco de Lacerda prepara em Paris uma interessante homenagem ao seu mestre Vincent d'Indy, homenagem plenamente justificada pelo particular e merecido apreço com que o illustre compositor francez distingue o nosso sympathico compatricio.

Consiste a homenagem em reunir em Bruxellas todos os discipulos de Vincent d'Indy, no momento da primeira representaçãõ da sua nova opera *L'etranger*, que, segundo as ultimas noticias, deve estreiar-se na capital belga por meados de dezembro.

Esta manifestação é das que honram tanto quem as promove como quem as recebe e a ideia do distincto professor portuguez tem sido acolhida por todos os seus camaradas com jubiloso entusiasmo e com a mais prompta adhesão.

Para cobrir as despesas da viagem, organisar se-hão dois concertos, dos quaes um em Bruxellas, sob os auspícios de Kufferath.

Registramos com prazer a dadiva que acaba de ser feita á bibliotheca do Conservatorio Real de Lisboa, por intermedio do director d'este jornal, pelo Dr. Alfredo Ansur, um dos nossos causidicos mais distinctos, a par de notavel homem de letras e amator musical muito entusiasta.

Consiste a offerta na collecção dos Psalmos de David, em 5 volumes, a obra prima do famoso contrapontista do seculo XVIII, Benedetto Marcello.

Os Psalmos são a 1, 2, 3 e 4 vozes, com baixo continuo para o acompanhamento do órgão ou do cravo, e alguns com violoncello obrigado ou com duas violas

Dissemos serem os Psalmos a obra prima de Marcello:— mais do que isso, são considerados pelos criticos como uma das mais bellas producções da Arte e como taes, não podiam deixar de figurar na bibliotheca, infelizmente bem restricta, do nosso Conservatorio.

Deu portanto o sr. Ansur uma elevada prova de benemerencia artistica e de altruismo não vulgares.

Como se sabe, teremos durante a proxima epoca o prazer de ouvir em S. Carlos o afamado *Böhmisches Streichquartett* (quartetto bohemio), que se compõe dos notaveis artistas Hoffmann, Suk, Nedbal e Vihan.

Como complemento a esta noticia tão agradável para todos os que sinceramente e sem espirito de *coterie* se interessam entre nós pelas cousas artisticas, extractamos de uma carta agora mesmo recebida de um dos nossos illustres collaboradores, os seguintes periodos cujo interesse de actualidade explica sobejamente a sua integral publicação:

«Eis o programma das quatro *séances* que o grupo está agora dando em Leipzig.

1.º CONCERTO — 29 DE OUTUBRO

Tschaikowski — Quartett bs moll.
Fibich — Pianoforte, quintett.
Beethoven — Quartett a moll (op. 132).

2.º CONCERTO — 14 DE NOVEMBRO

Mozart — Streich-quintett c dur.
Kahn — Pianoforte, quartett.
Schubert — Quartett d moll.

3.º CONCERTO — 30 DE NOVEMBRO

Schumann — Quartett A moll.
Brahms — Pianoforte Quartett a dur.
Beethoven — Quartett b moll.

4.º CONCERTO — 12 DE DEZEMBRO

Haydn — Quartett.
Brahms — Klarinetten-quintett.
Beethoven — Quartett B dur (op. 130).

«O quintetto de Fibich e o quartetto de Kahn são apresentados como novidades ainda não ouvidas em Leipzig. De Kahn posso apenas dizer-lhe que é um compositor muito versado na musica de camara, que tem illustrado com quartettos para cordas, quartettos e trios para cordas e piano e sonatas para violino e piano. Trabalhou assiduamente com Lachner e Rheinberger, dois verdadeiros mestres.

«De Fibich ouvi n'um concerto dirigido por Oscar Nedbal, regente da orchestra philharmonica de Praga, que vem agora a Lisboa com o quartetto tchéque — *Un soir d'été (idylle)*, um trecho que interessa não só pela sciencia do compositor, que é muito grande, mas pelo sentimento poetico do artista, que o approxima bastante de Schumann, com o qual o mestre-symphonista tem mesmo por vezes bastantes analogias de formas musicas. E' tambem um operista filiado nas doutrinas litterarias e artisticas de R. Wagner, podendo citar-se como exemplo mais frisante d'esta influencia a sua *Hippodamia*, trilogia composta de *Pelops*, *Os filhos de Tantaló* e *A morte de Hippodamia*.

«E' dos modernos compositores bohemios que mais se tem distinguido, designadamente na opera e em obras symphonicas. São tambem vantajosamente conhecidos os seus dois quartettos para cordas e o quartetto com piano.

Em Leipzig, alem das operas de Blech, Hummel, Liszt, Massenet, Gounod e Puccini, que serão cantadas no *Stadttheater*, terão lugar até 20 de dezembro as seguintes audições:

EM NOVEMBRO

- 16 — *Mercin*, dirigido por Wohlgemuth.
17 — 3.º concerto philharmonico (Vinders-
tein).
18 — *Deborah*, de Handel, dirigida por Gohler, na Thomaskirche, onde todos os sabados se ouvem motettos celebres, cantados pelos alumnos da Thomaskirche Schule, n'uma hora de deliciosa musica choral,
20 — Oscar Noé — Lieder-Abend.
21 — Alfred Smolian — Lieder-Abend.

- 22 — 2.º concerto de musica de camara, pelo celebre grupo composto de Berber (1.º violino), Julius Klengel (violoncello), Rucker (2.º violino) e Seebald (violeta).
- 24 — 4.º concerto da nova Sociedade de grandes concertos, dirigido por Max Pohle.
- 25 — Recital de Ernest Consolo (pianista) e Arthur Azgiewicz (violinista).
- 27 — 7.º concerto do Gewandhaus (Nikisch).
- 28 — Theodor Bertram — Lieder-Abend e concerto symphonico dirigido por Schäfer.
- 30 — 3.º concerto do quartetto tchéque.

EM DEZEMBRO

- 1 — 4.º concerto philarmonico (Winders-tein).
- 2 — Richard Platt, recital de piano.
- 3 — A. Reisenauer, 2.º recital de piano e audição da *Sociedade Bach* dirigida por Sitt na Thomaskirche.
- 4 — 8.º concerto no Gewandhaus (Nikisch).
- 5 — 3.º concerto popular de musica de camara, dirigido por C. Roesger, com o seguinte programma: *Bozsi*, sonata para violino, *Haydn*, quartetto para cordas, *Brahms*, quartetto com piano (G moll).
- Concerto symphonico dirigido por Schäfer.
- 8 — 4.º concerto da nova Sociedade de grandes concertos dirigido por Fritz Steinbach.
- 9 — 2.º audição de *Lieder*:—Conrad V. Bos (pianista) e Wüllner (cantor).
- 10 — 1.ª audição de Lieder por H. Meyn e pianista Wünache.
- 11 — 9.º concerto no Gewandhaus (Nikisch).
- 12 — 4.ª audição do quartetto tchéque e concerto symphonico dirigido por Schäfer.
- 13 — 3.º concerto popular no Alberthalle.
- 16 — 5.º concerto philarmonico (Winders-tein).
- 18 — 10.º concerto no Gewandhaus (Nikisch).
- 20 — 3.ª audição de musica de camara de Berber e Klengel.

Depois d'esta resenha, em que constatamos ser raro o dia em que não ha uma audição musical de grande interesse, sentimos um certo desconsolo recordando que todos os esforços (e não tem sido pequenos) para desenvolver o gosto publico por a grande arte não fructificaram ainda por forma que fosse possivel, entre nós, uma iniciativa semelhante.

Aguardemos melhor futuro e uma epoca de elevação intellectual, em que se pense

um pouco menos na *Lagartixa* e um pouco mais nas grandes creações que justificam a nossa vaidade e superioridade sobre todos os seres animaes.

Já é do dominio publico o elenco da companhia que ha de funcionar no theatro de S. Carlos, durante a epoca de 1902-1903. Como se verá, demos em tempo noticia de muitos dos artistas, que definitivamente se acham contratados.

Directores de orchestra — Campanini e Goula, filho.

Substitutos — Fazio, Foá e Codivilla (de córos).

Primeiras damas — Darclée, De Revers, Guerrini, Malaspini, Pandolphini, Pinto, Polini, Tetrzzini e Torretta.

Tenores — Bieletto, Caruso, Cosentino, Franceschini, Giraud e Pini-Corsi.

Barytonos — Bensaude, Blanchart, Cerratelli, Giraltoni, Stracciari e Baldassari.

Baixos — Mansuetto, Rossi, Torres de Luna, Tamanti e Volponi.

Comprimarios — Clothilde Verdi, Zucchi e Venturini (tenores), Stagni Terzi (baixo).

72 professores d'orchestra, 30 ditos de banda e 72 coristas d'ambos os sexos.

Abertura da epoca a 18 de dezembro com o *Sansão e Dalila*, de Saint-Saens, cantado pelo tenor Cosentino e Virginia Guerrini nos dois protogonistas.

Em seguida devem cantar-se o *Othello* para estreia n'esta epoca da sr.ª Tetrzzini; *Gioconda* para apresentação da prima-donna dramatica Amelia Pinto, e *Fedora*, onde se estreiará a sr.ª Angelica Pandolphini.

A sr.ª Darclée apresentar-se-ha na *Tosca* no principio de fevereiro, epoca da estreia do tenor Caruso. Estes dois artistas com o baixo Julio Rossi devem cantar em seguida a *Lucrecia Borgia*, da qual são considerados hoje os principaes interpretes.

As operas novas serão *Adriana Lecouvreur*, recentissimo successo, do maestro Cilea, e *Germania* de Franchetti. A primeira será interpretada pela sr.ª Pandolphini, e a segunda pela sr.ª Tetrzzini.

Haverá seis concertos para os quaes a empreza contratou o famoso quartetto tcheque, e o violinista Arrigo Serato. Tambem se cantará n'elles a celebre *Damnation de Faust*, de Berlioz, completa, e nunca ouvida em Lisboa.

Na noite de 2 de novembro teve logar na Real Academia de Amadores de Musica uma sessão solemne em honra do seu illustre director artistico, o maestro D. Andrés Goñi.

Constou de discursos, da execução d'um

programma musical, e da inauguração do retrato do maestro Goñi, retrato que é obra d'um dos alumnos da Real Academia, o sr. Alberto Landim Ferreira, que foi tambem o promotor da manifestação.

Terminou a festa por uma taça de champagne, offerecida aos convidados, que deu ensejo a novas manifestações d'enthusiasmo endereçadas a Goñi e á Academia.

Cremos que por lapso deixámos de ser convidados. De facto não o fomos, e havendo-o sido a imprensa da capital, só por inadvertencia explicamos a ausencia do convite á *Arte Musical*, o unico jornal na sua especialidade, de Lisboa.

Recebemos no dia 1 do corrente, e muito agradecemos, um amavel convite para assistir a uma *matinée-concerto* que no salão do club musical de amadores realisou o *Real Instituto de Lisboa*, aggremação a que por vezes nos temos aqui referido elogiosamente. Sentimos que fortes motivos absolutamente extranhos á nossa vontade nos impedissem de assistir a essa festa, que pela composição do programma e pelos nomes que n'elle figuravam devia ser de todo o ponto interessante.

Do Estrangeiro

Sabe-se que em virtude de uma disposição de Wagner, o *Parsifal* só pode representar-se em Bayreuth. No anno passado, discutindo-se no Reichstag a lei que torna de dominio publico toda a obra d'arte, passados que sejam 30 annos sobre a morte do auctor, alguém propoz uma excepção para o *Parsifal*, em homenagem ás ultimas disposições do famoso musico. Esta proposta foi regeitada, de forma que a obra poderá ser representada livremente em 1913.

Acaba porém de fundar-se uma liga que sob o titulo de *Parsifal-Bund* pretende conservar por todos os meios possiveis e imaginaveis o privilegio de Bayreuth, apesar da opposição de muitos musicos notaveis da Allemanha á frente dos quaes, Weingartner, que garantem que o *Parsifal* nada perderá em ser representado em quaesquer outros theatros além do de Bayreuth... antes pelo contrario.

Rara distincção para um musico. O velho violinista Lauterbach foi elevado pelo rei de Saxe á dignidade de seu conselheiro de estado,

Quando recebeu o novo dignitario, o rei Jorge com a vivacidade de espirito que ainda o caracteriza, notou que ambos tinham attingido, com igual vigôr, a idade respeitavel de 70 annos, para felicidade do povo e da arte.

O monumento que os vienenses vão levantar ao grande compositor Brahms será confiado a Rodolfo Weyr, cujo projecto foi preferido ao de muitos outros esculptores que com elle concorreram.

A estatua representará o *successor de Beethoven* sentado simplesmente em uma cadeira de forma antiga.

Segundo ultimas noticias de Paris, Gailard, o conhecido director da *Academia nacional de musica* prepara para o proximo mez de Dezembro um grande festival em homenagem á memoria de Verdi.

O producto da festa será destinado a engrandecer a subscrição do monumento, que se deverá erigir em Milão, em honra do cysne de Busseto.

No horisonte das invenções musicaes apparece agora um novo registrador musical, para applicar ao teclado do piano e transcrever graphicamente todas as phrases que n'elle se executem.

E' inventor do novo apparelho um compositor de Buffalo (America), de nome Paul Limouth.

NECROLOGIA

A proposito de uma noticia sobre Alexandre Batta que n'esta secção publicamos ultimamente, escreve-nos o sr. Carlos de Mello:

«Este violoncellista é o proprio, não teve filhos, morreu velhissimo. Vivia desde 1860 e tantos retirado em Versailles e publicou em 1896, se me não engano uma composição chamada *Brimborion*, em homenagem aos seus 80 annos.

«O seu violoncello, um Strad magnificamente conservado foi vendido pouco antes de 1895 por 100:000 francos a um russo.

«Tenho cartas d'elle para a minha historia do Violoncello.»

*

No dia 12 falleceu na flôr da vida, uma distincta e sympathica professora de piano, a sr.^a D. Laura Eschrich, auctora de algumas composições ligeiras que chegaram a ter alguma voga.

*

Finou-se tambem no mesmo dia o sr. conselheiro Joaquim Peito de Carvalho, a cuja ex.^{ma} esposa e illustre amadora, a sr.^a D. Anna Peito de Carvalho enviamos a expressão da nossa sincera condolencia.